

Ajuda do Fundo surpreende analistas e abre espaço para queda dos juros

Recursos devem afastar dúvidas sobre capacidade de o país honrar sua dívida

Michel Filho/11.6.1999

Sérgio Marques/31.8.1995

Flávia Barbosa, Flávia Oliveira,
Luciana Rodrigues
e Ledice Araujo

• O acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) surpreendeu analistas de mercado e economistas, no Brasil e no exterior, tanto pelo valor quanto pelos termos da ajuda financeira. Diante do volume de recursos e das condições consideradas extremamente favoráveis, os especialistas acreditam que tanto o dólar quanto o risco-país deverão ceder fortemente no curto prazo, abrindo espaço para novas quedas dos juros. O benefício seria um reaquecimento da atividade econômica e um alívio sobre a parcela da dívida pública corrigida pela taxa básica.

— Sem dúvida, com esse acordo vantajoso, vamos sentir a reação do mercado, com valorização do real e queda do risco-Brasil. Se isso acontecer, a taxa Selic poderá voltar a cair — afirma Luiz Roberto Cunha, da PUC-Rio.

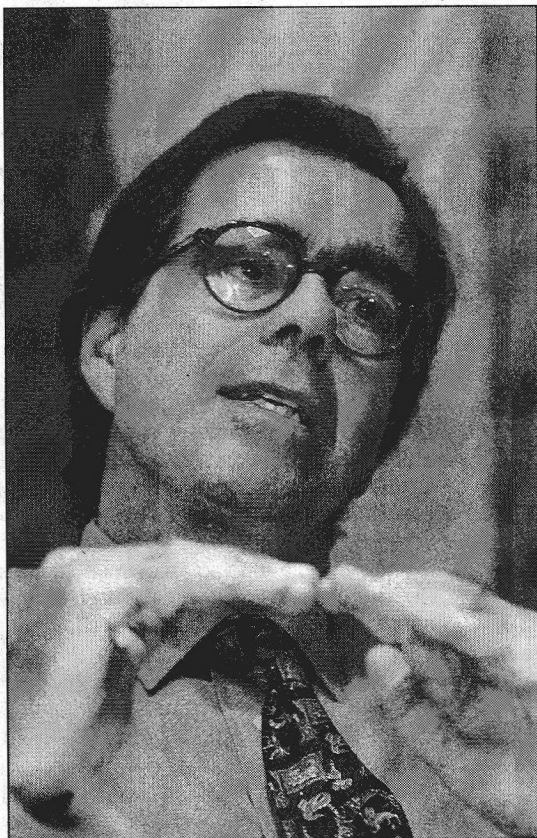
Queda do risco país trará linhas de crédito de volta

Segundo economistas, o pacote de ajuda deve levar a uma apreciação do real, baixando a cotação do dólar do patamar de R\$ 3 — mantido há dez dias. Isso porque o acordo foi bem melhor do que se esperava e ampliou para US\$ 21 bilhões a munção do Banco Central para intervenções. São US\$ 16 bilhões a mais do que o BC informou recentemente ter para atuar no câmbio.

Isso provocará temor em especuladores de apostar contra o real, ao mesmo tempo em que aumenta a oferta de dólares para empresas que precisem quitar dívidas no exterior. Portanto, explica Odair Abate, do Lloyds TSB, por mais que tenha antecipado o acordo, o mercado terá motivos adicionais para se acalmar. Os analistas acham que, ainda hoje, a moeda americana pode fechar a R\$ 2,80, como Mailson da Nóbrega, sócio da Tendências.

Como a queda do dólar reduz a ameaça de quebradeiras no Brasil — privada e pública — espera-se que o risco-país também desabe. Octavio de Barros, do BBV Banco, aposta numa queda imediata de 500 pontos básicos no risco-Brasil, que depois ficaria em torno de 1.200 pontos, patamar mais que suficiente para incorporar a instabilidade do período eleitoral.

— As linhas comerciais também devem melhorar muito. Acredito que a oferta de crédito às empresas continuará escassa, pois ainda há muita aversão ao risco. Mesmo em



CARLOS LANGONI: Fundo quis evitar o contágio



LUIZ ROBERTO Cunha: juros básicos podem cair

AVALIAÇÕES FORAM POSITIVAS

"Não vem, que não tem. Não tentem pensar que vai haver um estrangulamento, porque temos oxigênio."

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO • PRESIDENTE DA REPÚBLICA

"O bom senso sugere que o dólar cairá bem abaixo dos R\$ 3. Com o câmbio sob controle, o cenário se torna propício à queda dos juros. Isso facilitaria o cumprimento das próprias metas com o FMI."

LUÍZ CARLOS PRADO • ECONOMISTA DA UFRJ

"O acordo muda o cenário para o Brasil e prepara uma perspectiva muito positiva para o próximo governo."

FERNANDO FERREIRA • DIRETOR DA CONSULTORIA GLOBAL INVEST

"Com a valorização do real e a queda do risco Brasil, os juros poderão ceder."

LUÍZ ROBERTO CUNHA • DIRETOR DO INSTITUTO FECOMÉRCIO

"A percepção internacional é de que há risco de o Brasil quebrar como a Argentina e arrastar outros para o buraco."

CARLOS LANGONI • DIRETOR DO CENTRO DE ECONOMIA MUNDIAL DA FGV

presas americanas consideradas de baixo risco estão pagando juros altos.

Novas oscilações no câmbio, porém, não estão descartadas, avisa Fernando Ferreira, sócio da Global Invest. Mesmo que a escassez de dólares tenda a ser eliminada com a liberação de US\$ 6 bilhões pelo FMI este ano, a questão política ainda pode impor tensão ao mercado próximo às eleições.

O analista Carlos Carvalho, da Questus Asset Management, lembra que os US\$ 6 bilhões correspondem exatamente ao montante de vencimentos externos das empresas brasileiras até dezembro.

Os analistas também des-

tacaram a importância política do acordo. Para Carlos Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas, ficou evidente que o Fundo e o governo americano temem uma crise no país nesse atual ambiente de desaceleração econômica e volatilidade nas bolsas nos EUA. A avaliação é de que, enquanto a Argentina traz riscos regionais, o Brasil pode provocar uma onda de turbulências nos mercados financeiros globais, emergentes e desenvolvidos.

— A percepção internacional é de que há risco de o Brasil arrastar outros mercados para o buraco — diz Langoni.

O medo de calote brasileiro também responderia pela generosidade dos termos do acordo. Os economistas consideraram que a maior surpresa do novo acordo foi o Fundo não exigir a elevação da meta de superávit primário (resultado positivo entre receitas e despesas, sem contar o pagamento de juros), e sim mantê-la inalterada em 3,75% do PIB. O fato de a maior parte dos recursos estar destinada ao novo governo — US\$ 24 bilhões em 2003 — também foi considerado importante.

Queda dos juros ajudaria no cumprimento da meta fiscal

— Todos sabemos que a aprovação dos candidatos à Presidência é fundamental para que o acordo tenha efeito. O fato de o FMI ter sido generoso nos termos foi um empurrão nessa direção. É praticamente impossível qualquer um dizer não ao acordo. Ninguém abrirá mão de US\$ 24 bilhões no primeiro ano de governo — avalia Walter Molano, da BCP Securities em Nova York.

Luiz Carlos Prado, economista da UFRJ, lembra ainda que, por mais que haja redução na arrecadação a partir do próximo ano (estima-se até R\$ 10 bilhões a menos no caixa do governo), a própria redução dos juros ajudará no alcance das metas de superávit.

— O bom senso sugere que o dólar cairá bem abaixo dos R\$ 3, cenário propício à queda dos juros. Isso facilitaria o cumprimento das próprias metas com o FMI, porque a economia ficaria mais solta. ■